

A VENTURA

## GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Dezenove, n.º 36

ESPINHO

Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR

24—RUA DE S. CHRISPIM—26—PORTO

Editor: —Jerónimo Alves Moreira

## A logica dos factos

## A patria acima de tudo

Os episodios da ultima incursão tem dado azo a que haja sido largamente apreciada, cá dentro e lá fóra, a attitude do governo de Espanha cuja politica internacional dá fóros correntes a um direito *sui generis* que a boologica repulsapor absurdo e que o mais elementar bom-senso condena como insubsistente e boçal desculpa.

Hoje, conhecidos os factos, nada pôde desculpar a incorrectissima attitude do Sr. Canalejas, tantas vezes advertido, quantas solicitado, para obviar ás manobras dos conspirantes portuguezes que infestavam a Galiza em attitude de ameaça armada contra Portugal.

Não pôde ou não quiz o Sr. Canalejas ouvir e atender ás admoestações prudentes e á solicitação reiterada do gabinete de Lisboa e do nosso ministro em Madrid para que não consentisse bandos armados na fronteira, em pé de guerra, prontos a invadir o territorio portuguez. Era a segunda tentativa que se preparava.

E, apesar do ar meio galhofeiro, meio humanitario com que o Presidente do Conselho de Espanha acolhia as nossas recriminações, a segunda incursão realisou-se e os conspiradores portuguezes manobram á vontade dentro dos dominios de Espanha, como se estivessem em paiz conquistado.

A logica implacavel dos acontecimentos coloca o Sr. Canalejas nos bicos dum silogismo tremendo.

O Sr. Canalejas pôde alegar que foi mal informado pelas suas auctoridades, pôde desculpar-se em inventivas de subterfugios para coonestar a sua ignorancia do que se preparava pelo norte de Espanha contra o governo constituido d'uma nação visinha e amiga.

Mas... o caso é este, simplesmente: ou o Sr. Canalejas não governa, de facto, e nisto confessa, implicita, a sua incompetencia admi-

nistrativa, ignorando o que todos sabiam e êle tinha obrigação de saber; ou, peor ainda, o Sr. Canalejas sabia e gostava e nisso vae um crime de cumplicidade. *Incompetente e cumplice*: eis como á face da historia e no juizo das nações civilisadas, terá de reconhecer-se o Primeiro Minisiro de Afonso XIII.

Ou querará o Governo de Espanha instituir um novo código de Direito internacional para uso proprio?

N'esta hipotese ficaria a Espanha sequestrada ao convívio das nações e de certo eia mesma iria, breve, sofrer o castigo condigno da sua nova jurisprudencia diplomatica. Rompe a solidariedade de compromissos com as outras nações, o Sr. Canalejas crearia para a Espanha uma situação de isolamento que tornaria desde logo periclitante a propria independencia da nacionalidade castelhana.

Ainda bem que neste assunto os compatriotas do Sr. Canalejas lhe repudiam, em grande maioria, o procedimento e nem na imprensa nem no publico, a opinião se mostra favoravel aos gestos indecisos do Sr. Canalejas.

São os proprios espanhoes de boa fé e de consciencia justiceira os que julgam com severidade este gesto impolitico, de deslealdade inclassificavel, do seu chefe do governo.

A questão tem sido posta em termos nitidos de clareza.

A imprensa do nosso paiz discorre numa uniformidade de vistas, num clamor de imprecações, que é a unisona retumbancia do mesmo grito patriotico.

Ainda agora acabamos de lêr na «Mala da Europa» no editorial, sempre subordinado á epigrafe «Noticias da Vossa Terra», as mais criteriosas considerações sobre este caso de actualidade palpitante,

Convem registar o depoimento da Mala da Eu-

ropa, jornal de larga informaçao sobre assuntos portuguezes, que se publica no Rio de Janeiro e que tem merecida cotação entre a numerosa colonia portugueza da grande Republica do Brazil.

Cumpra dizer-se que pela sua indole conservadora, não tem sido a Mala de critica suave para a Republica Portugueza.

Agora, todavia—e muito bem—está a patria acima de tudo.

E' n'estes termos o notavel artigo a que vimos aludindo.

Emquanto os concelhos de guerra julgam os conspiradores e vão mandando effectuar novas prisões, um assumpto se debate, da mais alta importancia: o conflito entre o governo portuguez e o governo hespanhol.

Esse conflicto é já hoje manifesto e inilludivel. Attingiu mesmo uma phase aguda e irritante, que não sabem até onde poderá levar. Mas é de esperar que não tenha consequencias de maior gravidade, porque, se a Portugal não convem agora uma contenda sangrenta, á Hespanha não poderá isso convir muito mais: bastam-lhe as dificuldades lá de casa, accrescidas pelas constantes rebeliões em Marrocos.

Façamos, porem, um pouco de historia. Averiguemos qual das duas partes tem razão, serenamente, imparcialmente, pondo de lado quaesquer intuitos politicos ou quaesquer brios patrióticos. Falemos apenas como se fossemos absolutamente alheios á questão—porque só assim poderemos collocar-la no verdadeiro terreno.

Claro está que se falassemos apenas como portuguezes, achariamos sempre que a razão estava do lado de Portugal. Se falassemos como monárchicos facciosos, entenderiamos sempre que a Hespanha procederia bem, protegendo os conspiradores. Ao contrario, se falassemos como republicanos, entenderiamos sempre que essa protecção era um crime.

Por isso, varremos de nós quaesquer sentimentos patrióticos ou politicos. A verdade apenas, doa a quem doer. E a verdade, apesar d'isso, manda-nos dizer que a Hespanha tem procedido com absoluta deslealdade, com incorrecteção que tem revoltado toda a opinião europeia, independente e culta. Dir-se-hia que a Hespanha só tem procurado lançar Portugal na guerra civil, na desordem, d'onde resultaria talvez a perda irremediavel da independencia.

Effectivamente, emquanto a própria Bélgica, cathólica e monárchica, fazia expulsar do seu territorio todos os conspiradores portuguezes, apprehendendo-lhes armamento e munição, a Hespanha recebia-os, acarinhava-os, armava-os, em uma cumplicidade revoltante.

E não queremos saber agora se eram monárchicos esses portuguezes assim protegidos. Se fossem republicanos diriamos o mesmo. Não queremos saber de poli-

## POESIA

## A's Mães

O' suaves mulheres! que ides cantando  
Através das searas e das vinhas,  
Vinde ouvir uma historia em verso brando  
Que hei de ensinar a lêr ás andorinhas.

E' uma historia florida como as rosas,  
Quero contá-la aos vossos cherubins  
Pelo luar,—ás horas religiosas,  
Quando os cravos concebem os jasmims.

Quero falar de um ente extraordinario,  
Tragico, meigo, mistico, suave,  
De um leão que morreu sobre um Calvario,  
E que deixou um testamento de ave.

Vinde escutar-lhe a historia em Galileia,  
Seu suor, sua morte, seu lençol.  
Quando electrísava a vil Judeia  
Com seus olhos brilhantes, como o sol.

Desoladas mulheres que ides chorando  
Os maridos que vão para os degredos,  
Por alta lua, os filhos embalando,  
Com cantigas que fendem os rochedos,

Vinde buscar a cura a vossos males,  
Na narração das lagrimas, das dôres,  
Do que andava nos rios e nos vales,  
Com os simples, os chãos, os pescadores;

Vinde ouvir como andava largos dias,  
Nos lagos e bahias prazenteiras,  
E electrísava as almas das judias  
Sob os seus véos, debaixo das palmeiras.

Vinde escutar as lastimas estranhas  
Das filhas de São de longas tranças,  
Como êle amava os lagos, as montanhas,  
As pombas, os doentes, as creanças!

Vinde escutar seus prantos nos abrolhos;  
Nas montanhas, seu verbo ás multidões;  
E, a expulsar dos demonios as legiões,  
A forte luz terrível dos seus olhos.

O' suaves mulheres, que estaes cantando,  
Ao pôr do sol, á porta, ás creancinhas,  
Vindo ouvir uma historia em verso brando,  
—Que hei de ensinar a lêr ás andorinhas.

Gomes Leal

tica nem de partidos, quando se trata de coisa mais alta: a dignidade da Pátria.

O facto, em si é este: a Hespanha protegia e armava verdadeiras guerrilhas que conspiravam contra um paiz livre e independente, calcando a pés todos os deveres de neutralidade e todos os principios de direito internacional. Nada mais.

Mas não ficou por aqui a Hespanha. Quando os jornaes de toda a Europa começaram censurando asperamente essa protecção, o governo do snr. Canalejas veio declarar ingenuamente que desconhecia o que se passava.

Quer dizer: armavam-se em territorio hespanhol algumas columnas invasoras no effectivo de mais de mil homens, faziam exercicios, marchavam d'ali com peças de montanha e com metralhadoras, com os comboios de comestiveis e de munições de guerra, com ambulancias da Cruz Vermelha e com todos os serviços de um exercito regular... e as auctoridades hespanholas não viam

nem sabiam nada. Santa ingenuidade!

Esta declaração, evidentemente, era de molde a fazer perder a paciencia ao santo mais paciente. E o ministro de Portugal em Madrid, forçado assim a ter de pôr para o lado as conveniencias diplomaticas, veio, por sua vez, declarar á imprensa que essa affirmativa não era verdadeira. Nem seria preciso que as auctoridades hespanholas informassem o seu governo do que se passava na Galliza. A legação de Portugal tivera o cuidado de trazer o ministério hespanhol sempre ao corrente de todos os actos dos conspiradores.

Apanhado assim em flagrante contradicção, o governo do snr. Canalejas irritou-se, e protestou contra o facto de serem publicadas informaçoes que pertencem ao segredo das chancellarias. E como tentativa de desagravo, fez publicar que, se não fizera internar os conspiradores, fóra porque o governo portuguez se tinha recusado a pagar, como de resto com-

binara, parte das despezas com esse internamento.

Mas esta desculpa provovocou novo desmentido por parte do governo da Republica. O nosso governo não queria o internamento, porque já sabia que sso para nada vinha a servir. O nosso governo exigia que os conspiradores fossem expulsos do território continental hespanhol, visto que se tinham mostrado reincidentes, tendo já tentado por duas vezes invadir o território portuguez.

E sejamos justos: esta exigencia era razoavel e naturalissima. Se fosse feita antes de qualquer tentativa de incursão, poderia não ser acolhida. Não era justo que se perseguissem emigrados, se estes alli vivessem dentro da lei, em paz e em socego. Desde que por duas vezes tinham invadido, porém, o solo da Pátria, em pé da guerra, a expulsão não era apenas justa: era justissima.

Comtudo, o governo hespanhol, que, por dá cá aquella palha, manda encarcerar e fuzilar os revolucionarios do seu paiz, sem dô nem piedade, sentiu-se horrorisado perante uma natural exigencia do governo portuguez. Que não expulsaria os conspiradores portuguezes porque isso seria bárbaro, cruel e deshumano. O que parecenão ser cruel é fuzilar os conspiradores hespanhoes... Para estes não ha contemploções.

Ora, nós não vemos onde esteja a crueldade. Se os conspiradores portuguezes fossem expulsos para a França, o governo francez não deixaria de os tratar com humanidade. Se fossem expulsos para alguma colónia hespanhola, o governo do sr. Canalejas, sempre tão solícito em os proteger, lá lhes poderia manter o seu affecto e o seu carinho...

Mas não é isto o que se procura. Dir-se-hia que a Hespanha apenas deseja trazer a guerra civil a Portugal—na esperança de que essa guerra faça a ruína, a morte d'este grande e generoso povo.

E é isso o que nos revolta. Não queremos perseguições nem violencias exageradas contra os monarchicos. A Republica pôde defender-se, e com tolerancia, com nobreza, com generosidade. Tanto direito têm agora uns a dizerem-se monarchicos, como outros tñhem o direito de se dizerem republicanos no tempo da monarchia. Queremos respeito pelas crenças de todos. E sempre que a Republica pratique arbitrariedades e violencias, nós censuraremos abertamente a Republica, sem olhar ás consequencias que d'ahi nos possam advir.

Mas o que não podemos admitir é que um paiz estrangeiro nos melindre nos nossos brios de povo independente e livre.

Não sabemos onde chegará o conflicto entre os dois governos: o portuguez e o hespanhol. Sabemos apenas que todos os portuguezes estarão sempre, unidos e fortes, ao lado do governo da sua Pátria, sem quererem saber se se trata de Monarchia ou de Republica.

A Pátria acima de tudo.

### Razões d'um CAMPONEZ

Dialogos simples para aldeãos

—Vá entrando, sr. João.

—Ora muito boas noites.

Então como vai a nossa tia Maria com o meu sermão de ontem?

—Ninguém a convence, sr. João. Que ha-de ir e que ha-de ir, e que ninguém tem nada com isso e pronto! Ninguém lhe dá volta!

—Qual não dá volta! A sr.ª Maria ainda se ha-de convencer do triste papel que faz quando se vai confessar. Não é verdade sr.ª Maria?

—Pôde ser, sr. João; mas por enquanto não. Assim fui criada, assim me ensinaram os meus

paes e conto que assim morrerei. Porque os padres terão todos os defeitos, serão assassinos, serão malvados, mas o que é verdade é que nunca me desencaminharam para o mal.

—Então nunca lhe disseram palavras que lhe causassem uma certa estranheza; nunca lhe disseram coisas que a fizessem corar?

—Não senhor: nunca me fallaram em coisas desonestas. Porque se me falassem, eu levantar-me-ia imediatamente.

—E' porque a sr.ª Maria não quer dizer. Ainda que lhe tivessem dito alguma coisa que lhe não agradasse, a sr.ª Maria não o diria aqui, para me não dar gosto e rasão no que afirmo.

—Pois já que o sr. João diz isso, e nós estamos a conversar sem ofender ninguém, eu vou contar uma coisa, que nunca contei nem ao meu homem.

—Eu logo vi que a sr.ª Maria sempre tinha alguma coisa a contar a respeito de confissões! Quem ha tantos anos anda pelos confessionarios, deve ter experimentado de tudo. Ora conte lá, sr.ª Maria!

—Quando o meu homem foi para Lisboa impôr o irmão que ia para o Brazil, e que se demorou um mez mais pouco ou menos, veio aqui nma missão do Coração de Jesus. E para ter tempo de confessar todas as mulheres principiavam ás 4 horas da madrugada. Antes que a pequena acordasse, eu lá fui, para depois vir fazer o almoço e pôr a gente a trabalhar. Entrei no confessionario, ajoelhei-me, fiz o signal da cruz, disse a confissão e depois o padre disse-me:

—E' casada?

—Sou sim, senhor.

—Vive com o seu homem?

—Agora não senhor, por que ele está em Lisboa.

—Ah! está em Lisboa... e tem saudades d'elle?

—Tenho meu senhor, porque é o meu homem.

—Elle já foi ha muito tempo para Lisboa?

—Ha trez semanas, sr. abade?

—E não se tem lembrado de pecar na ausencia d'ele?

—Pecar em quê sr. abade?

—A senhora não me compreende: o mundo está cheio de tentações. A's vezes, algum tratante destes que procuram seduzir para mau caminho as mulheres casadas que tem os homens ausentes?...

—Não compreendo o que sr. abade quer dizer com isso.

—Ora, minha senhora! A senhora está-se a fazer muito inocente e eu por experiencia propria sei que as que se fazem mais inocentes são as peores. A senhora é pelo que estou a vêr, ainda uma mulher nova e bem bonita. Esses rapazes novos e aperaltados, já lhe hão-de ter dito algumas graças.

Principalmente agora que sabem que o seu marido está ausente. Ora eu queria que me dissesse, se tambem tem olhado para elles com mau sentido, com vontade de pecar.

—Não senhor, nunca reparei nesses homens de que o sr. abade me fala; nem tambem ainda me lembrei de pecar.

—Olha que patife Joaquim! Olhe que patife sr.ª Maria! E vocecê ainda voltou a ajoelhar-se diante de semelhantes bandalhos!

—Se ela me tivesse contado isto, sr. João, um raio me parta se eu consentisse em que ella lá voltasse!

—Eu tambem confesso, sr. João, que desde aquella vez para cá, comecei-lhe a perder a fé; mas a gente, se não vai começam a dizer que é maçónica.

—Mas conte o resto, sr.ª Maria, contel!

—Ai, o resto é que é bonito! Depois diz-me ele assim:

—Está bem, mulhersinha, está bem. Vocemecê é uma santinha, Então desde que seu marido está em Lisboa ainda não se lembrou dele?

—Já disse ao sr. abade, que

—E a que horas é que se tem lembrado.

—Sempre. Eu já disse ao sr. abade que sempre a todas as horas.

—Mas então não tem umas horas em que se lembra mais do que nas outras.

—Não senhor; lembro-me sempre egualmente.

—Então á noite, quando vae para a cama não tem umas certas saudades? Não sente uma certa falta... não é quando tem mais saudades... não olha com tristeza para o lugar onde o seu homem se costuma deitar...?

Eu então, que já achava de mais, disse assim:

—Se o sr. continúa com esse palavreado, eu retiro-me mesmo sem confessar.

Ao que ele retorquiu:

—Não se escandalise, minha senhora; a nossa obrigação de padres é procurarmos nas consciencias das mulheres fracas todos os escaninhos por onde se possa introduzir o demonio tentador, para darmos os salutaes conselhos.

—O demonio era ele. O'he que salutaes conselhos, estar a lembrar coisas que a vocecê nunca lembraram! O que esse malandro queria, era que a sr.ª Maria dissesse que á noite se lembrava do seu homem e que sentia uma certa falta, porque o tartufo pronfificar-se-ia a matar essas saudades. E ha homens que consentem que as mulheres se confessem! E ha mulheres que não compreendem o perigo em que se mettem! O que vocecê contou, está a vêr-se todos os dias. Quantas mulheres casadas, seduzidas por esses marmosos; quantas mocinhas deshonradas por esses roupêtas negras; quantos pais, ao conduzirem as filhas e as mulheres para o confessionario, as levam sem querer para o caminho da desgraça.

Quando será Joaquim, quando será sr.ª Maria, o dia em que este bom povo das ald-ias abrirá os olhos; quando deixarão de ser ovelhas, quando deixarão de ser carneiros?!

—Adeus Joaquim e sr.ª Maria.

—Até amanhã, sr. João.

João da Eira,

### A NOSSA CARTEIRA

—Encontra actualmente em Nellas o nosso presado amigo, sr. capitão Eduardo Marrecas Ferreira.

### UM BOCADINHO DE PROSA

#### «O Perdão»

(Aos meus amigos Figueiredo, Jacinto,

Geremias e Ferreirinha)

Cecilia era um perfeito corpo de estatua contornada, verdadeira ninfa, ideal de poeta concretizado, se, nos tempos que atravessamos, ainda houvesse um ideal e ainda houvesse poetas. Todo o corpo d'aquella creança era uma completa harmonia de linhas, que somente se encontram nos quadros antigos pintados por Rafael. O volver contínuo dos seus olhos pretos, o brincar incessante dos sorrisos nos seus labios cheios de vida, eram cheios de poesia; proprios de alma immaculada, filha das regiões distantes do Bello. Mas—Destino cruel—Cecilia somente se contentava em ver sofrer os outros, escarnecendo da dôr de todos, sem se lembrar que o remorso é uma serpente que se enrola em torno da alma, espiçando-a e não a matando. E' que nem só o pobre é escravo; o vicio tambem é tirano dos ricos.

Os paes de Cecilia foram bafejados pela fortuna e eis o moti-

vo porque a moça se via cercada de pretendentes. Porem, desgraçado d'aquelle, que confiado no dinheiro, apenas olha o presente, confrontando-o com o passado, esquecendo o futuro. Ah! se todos se lembrassem de que a Vida tambem tem crises, tempestades e bonanças!...

Perto, quasi em frente do palacio de Cecilia, vivia numa modesta casinha um estudante dos Liceus, de nome Raul. Cecilia conhecia-o com elle trocava de quando em quando, olhares de esperança, d'esses olhares que dizem muito e por fim fazem chorar. Raul amava-a e vivia subjugado sob tal belleza. O sonho predileto, doirado da sua alma era viver amando-a, ainda que tivesse de viver penando. Embora pobre, travaja correctamente, cativando a simpatia de todos com o seu falar natural, mas quente e animador. Raul consagrava a Cecilia um sentimento bom, nobre e santo, sentimento que tinha alguma coisa de paternal e piedoso.

Raul amava-a com aquella mesma força de vontade com que um impio, cheio de fé e crente, adora um idolo. Cecilia conhecedora perfectamente o que se passava na alma de Raul, e, em face d'aquelle amor tão grande, calçou a sua vaidade e principiou a amlá-o.

Passaram-se meses e meses. Cecilia e Raul viviam um para o outro, como a violeta vive para a sombra e o poeta para a Luz. Eram felizes.

Isaac, levado pela inveja, coloca Raul numa má situação e tenta viugar-se cobardemente. Todos os dias falava com Cecilia, porque havia uma certa familiaridade entre elles; aconselhou-a que terminasse o namoro com Raul, quando não seria uma desgraça—porque se os labios de Raul aparentavam sangue vermelho, n'elles corria unicamente sangue azul. Cecilia impensadamente obedeceu a Isaac e este, vangloriado, compra meia duzia de vadios para fazerem uma espera a Raul. Homens, como Isaac, são verdadeiras feras. E' que não se contentam em ver correr o sangue da vitima; satisfazem-se apenas, quando ensanguentam os pés, frisando o corpo ferido.

Era uma noite luarisada. Raul caminhava pensativo em direcção a casa de Cecilia, para lhe perguntar o motivo porque lhe roubava todos os sonhos d'oiro, quando tinha sido ella que o obrigava a adormecer. Ao voltar uma rua inesperadamente recebe tres pauladas na cabeça, e cambaleia, perde a falla para nunca mais a restituir, e cai, meio moribundo, banhado em sangue.

Passados dias, Cecilia soube o que se tinha passado e sem querer revoltou-se contra Isaac. De quando em quando, parecia ouvir chamar a voz maguada de Raul. Sofria ao lembrar-se que elle ficara mudo para sempre e que fóra ella a causa proxima. Chorava, mas as lagrimas eram quentes e abrazavam o peito, escaldavam como ferro em brasa, mas ao rubro. Pobre Cecilia. Se o arrependimento era grande, maior devia ser a dôr que lhe embargava a voz no peito.

Passaram-se dias e dias, Raul melhorou das feridas, porém a mudez não desaparecera ainda. Uma tarde, andando a passear á beira-mar, Cecilia abeirou-se d'elle, tomou-lhe afetosamente as mãos e disse-lhe numa voz toda meiguice e compaixão:

—Raul, eu vivo atormentada pelo remorso. Sacrifiquei a minha e a tua felicidade. Perdôa, porque eu ainda te tenho amor. Eu sei que procedi mal em atender aquelle miseravel do Isaac. Mereço a difamação por lhe ter dado uma carta das tuas, carta que serve de reclame nas vendas onde cos-

tuma embriagar-se—e não admira porque «quem sai aos seus não degenera». Mas... perdôa-me e esquece o passado. Se é grande a tua dôr, maior deve ser a tua compaixão.

Houve um silencio. Raul não falava Cecilia então insistiu:

—Sim, peço-te que me perdôes.

Eu sei que perdeste a fala, és mudo—mas, dá-me um beijo e será o suficiente para viver tranquila. Olha, Raul, eu hoje tenho-te muito amor, e por isso deixa que eu viva só para ti, abraçado á tua mudez. Tu não falas, mas eu comprehender-te-ei. Vá, dize: Perdôas-me?...

Raul curvou-se, depoz um beijo silencioso na frente de Cecilia, e surpreendeu-a com estas palavras, vibrantes como cristal:

—Perdão... já ha muito estas vas perdoadas!

E a chorar. doido de amor, aperta contra o seu peito o peito alvo de Cecilia.

O' moços para quem a Vida se apresenta em todo o seu esplendor e encanto, não queiraes adormecer no meio de illusões, porque ellas desfazem-se como espiraes de fumo na atmosfera, occasionando a descrença para tudo o que ha de mais bello. Cuidado que a febre d'amor da mocidade não escale as veias! Que os vossos sonhos, ó rapazes, se concentrem no futuro da Patria, e nos sorrisos e olhares ternos da mulher. Olhos ha que parecem chispar fogo, e labios que parecem sorrir ternura, mas, enganol os olhos da mulher cospem veneno que matam as crenças da nossa alma, e os labios sorriem odio e escarneo que sujam a nossa dignidade.

Espinho

José Soeiro

### Aos nossos assignantes

Estando em cobrança no correio os recibos da assignatura do ano corrente, pedimos aos nossos estimaveis assignantes da provincia o favor de os satisfazerem, afim de não ser interrompida a remessa do jornal.

### A ADMINISTRAÇÃO

### CASOS E NOTICIAS

Camara Municipal.—Sessão da posse da nova Comissão Municipal Administrativa deste concelho.

Após a leitura do alvará do sr. Governador Civil que nomeia os novos vereadores o sr. administrador do concelho convidou-os a tomar os seus logares e fazendo o elogio da nova vereação felicitou o concelho por ir ter a testa dos seus destinos homens tão dedicados. Agradece aos seus antigos colegas da camara a cooperação leal e sincera que sempre lhe prestaram bem como aos empregados da Camara pois que em todos encontros sempre toda a lealdade e dedicação.

Seguidamente assume a presidencia o sr. João F. da Silva Gretim, vereador mais velho, e procede-se á eleição do presidente e vice presidente que recae respectivamente nos ex.ªª srns. Dr. Joaquim Pinto Coelho e Alberto Milheiro.

Tomando a presidencia o sr. dr. Pinto Coelho, agradece a distincencia com que a Camara o distinguuiu e diz que não faz programma; os seus actos serão sempre regulados pelo stricto cumprimento da lei; e conta com a cooperação leal e sincera dos seus colegas bem como dos empregados da Camara.

A Camara resolve que as suas sessões sejam ás 4.ª feiras pelas 14 horas e no dia immediato quan-

do alguma daquelas coincidir em dia feriado.

Procede-se tambem á distribuição dos pelouros que ficaram assim divididos pelos diferentes vereadores:

Mercado—Silva Guetim  
Aguas—Alberto Milheiro  
Obras—Alves d'Oliveira  
Iluminação e limpeza—Marques dos Santos

Jardins—José de Carvalho  
Alinhamentos e Matadouro—Avelino Vaz

Todos os mais serviços a cargo da presidencia.

Finalmente a Camara resolve enviar um telegrama ao snr. Governador Civil, saudando-se na sua pessoa o Governo da Republica.

E não havendo mais nada a tratar n'esta sessão foi esta encerrada pelo cidadão presidente:

(Extrato da sessão da comissão administrativa de 7 de corrente.)

Presidencia do cidadão dr. Pinto Coelho; presentes os vereadores snrs. Alberto Milheiro, Marques dos Santos, Silva Guetim, José de Carvalho, Alves d'Oliveira. Bida, aprovada e assinada acta da sessão anterior, foi presente o seguinte expediente:

Officio de 26 de julho snr. dr. Joaquim Pinto Coelho, participando que havendo sido por alvará do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil, de 26 de julho nomeado Administrador interior do concelho havia assumido as funções do seu novo cargo em 27 do referido mes, e offerecendo á Camara o seu limitado prestimo e garantindo-lhe a sua vontade em cooperar em tudo o que se relacione com os interesses e desenvolvimento do concelho—Inteirada.

Telegrama do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil d'Aveiro saudando a Camara e agradecendo os cumprimentos que lhe foram transmitidos. Inteirada—Idem do Mercado C. de Produtos Agricolas perguntando se ha falta de milho no concelho e n'este caso qual a quantidade necessaria. Deliberam responder.

Officio da Direcção da Assembléa d'Espinho remetendo inclusivo um cartão de admissão naquelle casa de recreio, para o snr. presidente da Camara. Agradece.

Officio de inspector Escolar participando ter recebido um telegrama da respectiva direcção geral, comunicando que os exames do 2.<sup>o</sup> grau de instrução Primaria podem começar depois de 5 do corrente Inteirada.

Idem do director da Alfandega do Porto comunicando abrir no dia 1 do corrente o posto especial de fiscalisação aduaneira. Inteirada.

Idem da Junta de Parochia de Espinhoque deliberou em sessão de 29 de julho findo não permitir que seja colocada a barraca de peixe fresco no mercado provisório. Inteirada.

Idem do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil d'Aveiro acompanhando uma representação de varios comerciantes d'este concelho para que seja mantido o Regulamento do Descanço Semanal que já esteve em execução no concelho, a qual devera ser devolvida a mesma entidade depois da informação da Camara.

Ao snr. presidente. Requerimento da Comp.<sup>a</sup> Geral d'Electricidade Central d'Espinho solicitando licença e alinhamento para construção de uma nova fabrica para a iluminação publica. Defendo.

Idem de Manuel Francisco Serva, solicitando licença para construir uma casa e reconstruir no terraço na rua 29. Ao vereador e Junta de saúde.

Idem do gerente da Companhia Nacional de Talhos do Porto solicitando certidão por onde mostre se ha algum inconveniente em ser exposta á venda carne de rezes abatidas no matadouro do Porto neste concelho. Não ha desde que traga a chancela do matadouro do Porto.

Idem de José Pinto Loureiro alquilador, deste concelho pedindo licença para lavar carros na rua 19.

Indeferido.

Idem de Benjamin Alves, solicitando licença para ocupar 1 metro de terreno na esquina das ruas 19 e 3, para ali colocar a laua do barquilo em que negocia.

Deferido em local indicado pela Camara.

Balancete da tesouraria referente á semana finda em 3 do corrente.

**Recetta**

Saldo da semana anterior	825\$322
Diversos rendimentos	66\$000
Recebido do precatorio n.º 2	300\$000
Saldo para a semana seguinte	1:191\$322
Na Caixa G. de Depositos	099\$794
<b>Total</b>	<b>1:291\$116</b>

Foram tomadas outras pequenas deliberações, sancionados varias ordens de pagamento e em seguida encerrada a sessão.

**Espectaculo**—Com um exito brilhante, superior a toda a espectativa, levou o corpo cénico do Club Alegre Mocidade, á cena no passado domingo, a difilcutosa opereta em 4 actos musica do maestro Placido Stichini "O Moleiro d'Alcalá, cujo desempenho satisfez plenamente os espectadores que por vezes coroaram os arrojados amadores de vibrantes aplausos.

E' dos espectaculos levados á cena no nosso theatro por amadores, dos que mais tem agradado e calado no espirito do publico.

Dos interpretes salientaram-se pela sua correção e conscienciosa interpretação dos seu papeis as seguintes:

Palmira Loureiro (Corregedora) M. Magalhães (Frasquita) M. Rosado (Moleiro) e Oscar Rodrigues (Corregedor).

Tanto os nmeros de musica, e os bailados espanhoes revelaram certa proficiencia dos seus ensaiadores.

A casa esteve boa.

**Tourada**—Sempre se deu afinal a corrida de touros no domingo p. p. como annunciámos.

Apesar do dia 3 do corrente fazer supór pelo seu aspecto inverno, que no dia seguinte não podia haver tourada, houve-a e com uma casa muito regular.

Tanto os touros como os artistas agradaram imenso á plateia, que entusiasmada, repetiu a estes diversos bravos.

Entre os artistas que mais se distinguiram conta-se o cavaleiro F. Bento d'Araujo, Paleño e Xavier.

**Club Alegre Mocidade**—A nova direcção d'esta sociedade recreativa que está no proposito de proporcionar aos seus numerosos associados todas as distrações compatíveis com as circustancias do seu cofre, deliberou em sua sessão de 1 do corrente, promover bailes e outras distrações no espaçoso salão da sua séde, para passatempo dos socios e suas familias, que não carecerão de convite para esse fim, em todos os domingos em que não se realizem espectaculos publicos, começando hoje a série d'estas diversões.

Tambem nos comunica a mesma direcção que acaba de obter da Empresa do Cinematografo Peninsular 50% de redução nos seus bilhetes para os socios do referido Club sendo esta regalia concedida mediante a apresentação do respectivo cartão de identidade.

Aqui fica o aviso aos interessados.

nal de Vagos teve de modificar um artigo sobre o assunto. Tais actos não são, evidentemente, da responsabilidade do governo, mas nem por isso deixam de ser deploraveis. O Mundo protesta sinceramente contra eles, como inuteis, vexatorios e inconvenientes. Trata-se de jornais republicanos A Liberdade é um jornal vivo e interessante que tem como director um deputado da nação, o nosso amigo Alberto Souto. Mas, quaisquer que fossem os jornais, não foi para estes fins que o parlamento votou a lei que permite apreensões de jornais. Não. Trata-se de uma lei para defender a Republica das investidas monarchicas, numa hora de insurreição armada. Só esta situação especial podia autorisaraquella medida que, em situação normal, seria antidemocratica. Não lemos o artigo que justifica a apreensão da Liberdade. Crêmos que esse não trataria o snr. Canalejas mais duramente do que o tem tratado alguns jornais de Lisboa, circulando em todo o pais. Mas, por muito violento que fosse o artigo, tratava-se de jornal e de assunto que só deviam ser chamados á responsabilidade pelos meios regulares, exarados na lei imprensa. A applicação da lei especial, que ainda não foi applicada a nenhum jornal monarchico, parece-nos, a todos os titulos, deploravel—até por poder parecer que em Portugal não se pode discutir livremente um politico que, para mal de Espanha, preside ao seu governo. Não sucede assim, felizmente, mas é lamentavel que o governador civil de Aveiro tenha procedido de forma que auctorize essa deprimente conclusão, e é de supor que o governo já lhe tenha feito sentir em termos claros e perentorios.

**O CINEMATOGRAFO**

O importante jornal parisiense «Le Figaro» dirigiu aos mais cotados literatos francezes uma série de perguntas concebida nos seguintes termos:

1. Julga que o cinematografo esteja no seu apogeu? O gosto do publico pelo cinematografo tende a diminuir ou a aumentar ainda?

2. Julga que, habituando o publico a espectaculos de acção rapida e cheios de movimento, possa o cinematografo ter influencia no gosto, e indirectamente no teatro contemporaneo?

3. O teatro e o cinematografo devem ser considerados como generos essencialmente diversos, que podem mutuamente ajudar-se ou como irmãos inimigos?

4. E' sua opinião que se impõe, no que respeita aos espectaculos cinematograficos, como regulamentação dos direitos de autor fixada e fiscalisada pela sociedade dos auctores?

Entre as respostas mais intollerantes, destaca-se a de Julio Claretie, da Academia Franceza, que traduzimos:

1. O cinematografo poderia, deveria ser, será, um admiravel instrumento de educação. Quadros de historia, de geografia, de historia natural, que dominios tem diante de si! Uma comissão tal como esta nunca está no seu apogeu. Todos os dias lhe podem dar novo aperfeiçoamento. E o gosto do publico por este genero de espectaculos parece decrescer, pelo contrario.

2. Assim como gosto, em ver imagens cinematograficas, das coisas verdadeiras, das coisas vistas, viagens, scenas de costume—assim me desagradam as grosseiras farças, os vaudevilles baratos, as scenas de assassinatos, etc. Mas o cinema não suplantará o teatro como a fotografia não suprimiu a pintura.

3. Evidentemente o teatro e o cinematografo são manifestações diferentes duma mesma arte, ou antes, duma mesma curiosidade. Isto pode ajudar ou prejudicar aquele. Mas o cinematografo que é como um scenario em acção, nunca substituirá o verbo do poeta e a emoção de pensador. Tem o gesto não tem a palavra.

4. A quarta pergunta, respondi certamente.

Cordealmente,  
Julio Claretie

**O caracter da revolução mexicana**

Ao preço de 50 reis já estão á venda estas gravuras. Os camaradas que as desejem podem requisitalas á redacção ou á Biblioteca A Vida—Bainharia 150-2.<sup>o</sup>

**INUTIL DESPOTISMO**

De nada valerá perseguir os que visam  
Apressár um porvir liberto, emancipado.  
Em nada lucrarão, os que a plêbe escravizam.  
Fazer encarcerar o povo revoltado.

Os párias lutador's já não se atemorizam  
Diante da opressão dum qualquer potentado;  
Antes cada vez mais n'alma se lhe enraizam  
Ancias de combater num esforço abnegado.

Pois quão maior fôr a rubra tirania,  
Tanto maior será a nobre rebeldia  
Dos que sorvem o fél de toda a iniquidade.

Até que um dia, alfim, raiará sobre a Têrra  
A luz da páz, do amor, que um grande Ideal encêrra,  
Redimindo de vez a escrava humanidade.

Camilo Rodrigues.

**GRANDE EXCURSÃO**

Á

**POVOA DO VARZIM**

E' definitivamente hoje que o Centro e Biblioteca de Estudos Sociais, realisa a sua excursão á linda praia da Povoá de Varzim, cujos bilhetes custam apenas 300 reis.

Este passeio que tem por fim angariar alguns lucros para sustentar a sua escola, tem despertado grande entusiasmo, tendo sido os bilhetes muito procurados.

Pelo caminho e na Povoá de Varzim, serão distribuidos folhetos, revistas e jornais de propaganda social.

O comboio partirá da Boa-Vista ás 7,45, e da Povoá do Varzim ás 19,5, sendo necessario que todos os excursionistas se reunam 20 minutos antes da partida em frente das Estações.

**Livros**

Na Biblioteca «A Vida» estão á venda os livros abaixo mencionados, os quaes, vendidos deixam uma regular percentagem a favor do nosso jornal. Os camaradas que os comprem ou promovam a sua venda prestam um bom serviço á propaganda. São eles:

- O Judeu Errante (Eugenie Sue) (encadernado) . . . 1\$800
- A Judia Errante (em tomos) . . . 500
- Historia da Revolta do Porto (encadernada) . . . 1\$200
- Poema da Juventude (M. Ançã) 1 volume encadernado) . . . 200
- Sciencia e Religião, por Malvert (encadernado) . . . 500
- A questão da Universidade, por C. Lima (encadernado) . . . 500
- Cidade eterna (brochado) . . . 500
- A Ideia de Deus (Bruno) (encadernada) . . . 1\$300
- Loucura de Jesus (encadernada) . . . 1\$000
- Força e Materia Buchner (brochada) 500
- As Missas Negras (Dr Jot) (1 volume brochado) . . . 200
- Quo vadis ( ) . . . 600
- Historia da Prustituição, (2 volumes brochado) . . . 300
- Os fidalgos da casa Mourisca J. Dinis 2 volumes brochados . . . 500
- Do Ultimatum ao 31 de Janeiro—Bazilio Telles 1 volume (brochado) . . . 500
- Vinte Mil Leguas submarinas (J. Verne) (2 volumes encadernados 1 edição) 600

Os pedidos acompanhados das importancias são satisfeitos na volta do correio sendo dirigidos ao secretario da Bibliotheca, G. M. Alves Rua da Benharia, 150-2.<sup>o</sup> Porto.

**Terreno barato**

**VENDE-SE um proximo da feira (mercado) com 1,533 m2 e com trez frentes. Fala-se na estação telegrafo-postal**

**TERRENO**

**Vende-se um com 4:000 metros quadrados com frente para rua da Divisão entre Espinho e Anta. Fala-se na Cervejaria Ferreirinha.**

**Anuncio**

Junta de Parochia de Silvalde

**Arrematação**

A Comissão parochial da freguezia de Silvalde, devidamente autorisada, faz publico que no dia 25 do mez corrente, por 9 horas, procederá, na casa das suas sessões, a arrematação da construção de um edificio escolar para os dois sexos, no lugar de Silvaldinho.

A planta e caderno de encargos, acha se patente todos os dias, das 10 ás 15 horas, na casa do presidente da referida Comissão, no lugar do Formal.

Silvalde, 4 de Agosto de 1912

O Presidente

Manuel Lopes Guimarães

**O MAIS ENERGICO DOS TONICOS E O MELHOR PREVENTIVO DA TUBERCULOSE É A**

**Nuclarrhenina Ferreira**

Substitue kolas, quinas, Ferro e emulsões  
**A VENDA NAS BOAS FARMACIAS**

**FERREIRA & IRMÃO S.ºc.º**  
DEPOSITO GERAL  
253 R. MOURISCA DA SILVEIRA 253  
PORTO

**Frasco 700 r.º**  
**6 Frascos 4:000**  
3 Grandes Prix e 3 medalhas d'ouro nas exposições de: Anvers-Barcelona e Paris

